

Até o fim da vida, Antônio Hilário de Souza cuidou da Nicolândia, um mundo infantil que está no imaginário de diferentes gerações de brasilienses frequentadores do Parque da Cidade

F. Gualberto 27.7.89

Seu Nico, mercador de alegria

Sibele Negromonte
Da equipe do **Correio**

“Enquanto existir criança, o parque viverá”. Todos os dias, Antônio Hilário de Souza repetia essa frase para os dois filhos mais jovens. Seu maior temor era que a cidade construída por ele há 40 anos fosse um dia destruída. Ontem, a pequena Nicolândia amanheceu fechada. O primeiro parque de diversões de Brasília interrompeu, temporariamente, a alegre rotina para homenagear o seu criador. Antônio Hilário, ou simplesmente seu Nico, morreu, vítima de insuficiência renal.

Seu Nico trouxe a magia dos parques de diversão para a capital federal. Nascido em Mariana, ele deixou o pequeno município mineiro aos 24 anos, em 1938, para tentar a vida em outras cidades. Rodou quase todo o Brasil antes de criar sua própria terra, em Brasília, e nela viver até a morte, às 20h30 da última segunda-feira. A Nicolândia começou a povoar o imaginário das crianças brasilienses em 1961 — ano em que foi fundada, na 309 Sul. A cidade cresceu. O antigo carrossel, rodado pelas mãos do próprio Nico, e a roda (nem tão) gigante ganharam novos companheiros.

A terra encantada já não cabia na 309 Sul. Ganhou um novo endereço: o estacionamento próximo à Torre de TV. Mas a Nicolândia queria expandir fronteiras, proporcionar alegria a mais crianças. Antônio Hilário recebeu um convite, ou melhor, um desafio. Transferir sua cidade para um enorme parque que seria inaugurado em Brasília, em outubro de 1978.

“Meu pai aceitou o desafio. Ninguém queria se instalar no Parque da Cidade porque o local era muito deserto. Quando foi para lá, só existia a Nicolândia e a piscina de ondas”, recorda Marcelo Gomes de Souza, 29 anos. Junto com o irmão Marco Antônio Gomes de Souza, 24, ele não pretende deixar morrer o sonho cultivado por seu Nico durante os seus 87 anos de vida. A lição do pai foi bem aprendida. Há cerca de oito anos são eles que junto com a mãe, Maria Nunes de Moraes, 48 anos, administram a Nicolândia. “Naquela época, meu pai sofreu um derrame”, recorda Marcelo.

Mas a doença não afastou Antônio Hilário de sua cidade. Mesmo que não estivesse à frente dos negócios, ele não deixava de ir ao parque nem um dia sequer. “Seu Nico ficava por aqui, na cadeira de rodas. Brincava com as crian-



SEU NICO COSTUMAVA DIZER: “ENQUANTO EXISTIR CRIANÇA, O PARQUE VIVERÁ”. OS FILHOS DELE MANTERÃO A TRADIÇÃO

A TERRA DO SEU NICO

■ *Criada em 1961 na 309 Sul, a Nicolândia foi transferida para o Parque da Cidade em 1978.*

■ *O parque de diversões abre diariamente, das 9h às 21h. As crianças têm à disposição 36 brinquedos. O tobogã, o bate-bate e a roda-gigante panorâmica são as atrações mais procuradas entre a meninada*

■ *Por semana, a Nicolândia recebe cerca de 6 mil pagantes. Em épocas de grande movimento, até 20 mil pessoas circulam pelo local.*

■ *A Nicolândia não se restringe ao Parque da Cidade. A empresa costuma montar brinquedos em festas pela cidade e redondeza.*

ças, olhava o movimento. Ele não conseguia ficar longe do barulho. Isso aqui era a sua vida”, resume o amigo Domingo Sávio Ferreira, que há 15 anos presta serviço elétrico à Nicolândia. E assim foi até uma semana atrás, quando Antônio Hilário foi internado no Hospital Unimed

BOAS RECORDAÇÕES

O presidente da Associação dos Permissionários do Parque da Cidade, Almir Vieira, 42 anos, tem boas recordações de Antônio Hilário. Quando era criança, costumava brincar no parquinho, que ficava próximo à Torre de TV. “Ele sem-

pre ajudava as crianças a entrar nos brinquedos”, lembra. Hoje, Almir leva seus filhos, Rodrigo, 12, e Rafael, 10, para a Nicolândia. “Fiz questão de apresentá-los a seu Nico. Esse homem faz parte da história de Brasília.”

A publicitária Roberta Bigonha, 30 anos, também se entusiasma ao falar da Nicolândia. “Tem gosto de infância”, resume. O parque de seu Nico era o seu sonho de criança. “Amava o bate-bate, o tobogã, a pipoca e o algodão doce. Até hoje quando passo pela frente sinto aquela alegria infantil. É a área mais animada do Parque da Cidade”, afirma. Roberta é mãe da pequena Bruna, de oito meses, e não vê a hora que ela cresça logo para poder andar nos brinquedinhos.

Proporcionar esse tipo de prazer era a vida de Seu Nico, que deixou de herança para todos os brasilienses uma cidade encantada.